

DONS DIVINOS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS ARTIGOS DO CREDO

DIVINE GIFTS: A REFLECTION FROM THE ARTICLES OF THE CREED

Ruan Schöenardie Faller¹
Gerson Luís Linden²

Resumo: Este artigo procura investigar aspectos sobre dons divinos na vida das pessoas, sob a perspectiva de elas serem criaturas (Primeiro Artigo) e filhas de Deus (Terceiro Artigo). O artigo tem uma abordagem qualitativa, e quanto aos seus objetivos, são de natureza exploratória; utiliza a pesquisa bibliográfica como procedimento técnico de investigação. A partir da análise das palavras do Novo Testamento que se referem a dons e de um relato do Antigo Testamento, refletiu-se sobre o conceito de dons na Bíblia. Percebeu-se que o conceito de dons é abrangente e não se refere apenas a habilidades, mas a bênçãos, condições, situações, ofícios, ações... todos dados por Deus a partir de sua graça. A seguir, averiguou-se como Deus dá seus dons no âmbito da criação e da santificação e concluiu-se que tudo de bom que temos é dom de Deus que não merecemos, e tudo é ressignificado e influenciado positivamente pela obra de Cristo (Segundo Artigo), que é dada a nós pelo Espírito Santo.

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) (2019); bacharel em Música Popular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2021); pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2022). Pastor e capelão escolar em Igrejinha, RS. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2022).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo (1984). Mestre em Novo Testamento (1993) e doutor em Teologia Sistemática (2017) pelo Concordia Seminary, St. Louis, USA.

Palavras-chave: Dons. Dons Espirituais. Criação. Santificação. Vocação.

Abstract: This article seeks to investigate aspects of divine gifts in people's lives from the perspective of them being creatures (First Article) and sons of God (Third Article). The article has a qualitative approach, and as for its objectives, they are exploratory in nature, using bibliographic research as a technical investigation procedure. From the analysis of New Testament words that refer to gifts and an Old Testament account, we reflected on the concept of gifts in the Bible. It was realized that the concept of gifts is comprehensive and does not just refer to abilities, but to blessings, conditions, situations, offices, actions... all given by God from His Grace. Next, it was investigated how God gives his gifts in the scope of Creation and Sanctification and it was concluded that everything good that we have is a gift from God that we do not deserve and everything is re-signified and positively influenced by the work of Christ (Second Article) which is given to us by the Holy Spirit.

Keywords: *Gifts. Spiritual Gifts. Creation. Sanctification. Vocation.*

INTRODUÇÃO

Falar sobre dom ou dons é algo comum na vida em sociedade, também no âmbito da vida congregacional. Muitas vezes se percebe esse tipo de linguagem ao se referir a habilidades que pessoas tenham, como: tocar instrumentos, cantar, ensinar “bem”, pregar “bem”, serem generosas...³ Mas na perspectiva bíblica-confessional, será que “dom” pode ser caracterizado como sinônimo de habilidade? E como entender melhor o que são os dons divinos, ou seja, que vêm de Deus?

Uma boa maneira de entendermos a ação do Deus triúno é através do aprofundamento nos Credos Ecumênicos,⁴ mais especificamente no Credo

3 Às vezes, infelizmente, apenas as habilidades musicais são valorizadas publicamente, e ainda se imagina que seja algo “mágico” ou “místico” recebido de Deus.

4 Os chamados “Credos Ecumênicos” são o “Credo Apostólico”, o “Credo Niceno” e o “Credo Atanasiano”. A palavra “Credo” vem da primeira palavra dos Credos “Creio em Deus Pai...”, que em latim fica *credo*. A palavra “ecumênico” vem da palavra grega *οικουμένη* (*oikoumene*), que na

Apostólico, pois o Credo “nos apresenta tudo o que devemos esperar e receber de Deus” (LUTERO, 2021, p.464). Martinho Lutero compreendeu bem a função evangélica – Deus agindo em nosso favor – do conteúdo dos credos e por isso os colocou no Catecismo Menor e no Maior:

A explicação do Credo nada mais é do que a descrição da ação de Deus na criação, redenção e santificação. Mesmo sendo três ações distintas, Lutero não separou as três pessoas da Trindade. Para entendermos toda a fé cristã, precisamos entender e aprender os três artigos do Credo, distinguindo as pessoas de Deus que agem em favor da sua criação, restaurando-a e preservando-a até à eternidade. Um Deus ativo e que se relaciona conosco é o que ocupa Lutero na sua explicação do Credo (PRUNZEL, 2017, p.82).

Nesse sentido, podemos refletir sobre os dons que recebemos de Deus no âmbito da criação (Primeiro Artigo do Credo) e no âmbito da santificação (Terceiro Artigo do Credo). A redenção (Segundo Artigo do Credo) e sua relação com os dons é fundamental, mas de uma maneira diferente dos outros artigos.

CONCEITO DE DONS

Ao olharmos para o Novo Testamento, percebemos que três palavras são utilizadas para se referir aos dons: *chárisma* (χάρισμα); *Doreá* (δωρεά) e *Pneumatikós* (πνευματικός).

Chárisma e o plural *Charismata* (χαρίσματα) “significa literalmente ‘dons da graça’ ou favores que alguém recebe sem qualquer mérito pessoal” (NAFZGER et al., 2022, p.616). Essa definição já dá um direcionamento do que podemos entender sobre dom: tem a ver com graça, gratuidade, favor imerecido (cf. Cháris – “χάρις”). Excetuando o texto de 1Pedro 4.10, essa palavra aparece apenas nos escritos do apóstolo Paulo, e nesse uso ela “abrange uma ampla variedade de dons e tipos de dons, que não podem ser restringidos a ‘habilidades especiais’ de um cristão” (CTRE, 2003, p.26).

Bíblia pode significar “a terra habitada”, “mundo”, “humanidade”, “império romano” (GINGRICH, 1984, p.145). Ecumênico, quando aplicado a esses Credos, significa que eles foram sendo aceitos ao longo da história pela igreja em todo o mundo.

Vale mencionar o uso dessa palavra em Romanos 5.15 (“Mas o dom gratuito não é como a ofensa”) que se refere à salvação dada por Deus em Cristo, bem como em 1Coríntios 7.7, no qual Paulo se refere ao dom de casar e do celibato: “enquanto ‘celibato’ pode ser entendido como uma habilidade especial, é difícil ver como o casamento entra nessa categoria” (CTRE, 2003, p.27). Logo, Paulo não usa essa palavra apenas para habilidades. Ainda é relevante 1Coríntios 12, que relaciona a palavra *Charismata* (dons da graça) com *diakonia* (formas de serviço) e *energemata* (realizações, energias, atividades), e assim “usa os três termos para descrever o amplo espectro dos assim chamados dons espirituais” (CTRE, 2003, p.27).

Um dicionário teológico define *Chárisma* assim:

[...] um dom da graça, um dom envolvendo graça (*Charis*) da parte de Deus como Doador, é usado (a) para suas dádivas gratuitas aos pecadores, Rm 5.15,16; 6,23; 11,29; (b) para doações sobre os crentes pela operação do Espírito Santo nas igrejas, Rm 12,6; 1Co 1,7; 12; 4, 9, 28, 30, 31; 1Tm. 4.14; 2 Tim. 1.6; 1 Pe 4.10; (c) para aquilo que é transmitido através da instrução humana, Rm 1.11; (d) para o dom natural da castidade, resultante da graça de Deus como Criador, 1Co 7.7; (e) para livramentos graciosos concedidos em resposta às orações do crentes, 2Co 1.11 (VINE, 1946, p.487 – tradução nossa).

Kaiser, ao estudar 1Coríntios 12, vai concluir que “toda atividade que um membro exerce dentro do corpo de Cristo é um charisma, ou dom concedido pelo Espírito, por graça” (KAISER, 2001, p.25). Assim, *chárisma* não se restringe apenas a habilidades, mas também a dádivas divinas espirituais e terrenas: salvação (Rm 5.15,16; 6.23); eleição de Israel (Rm 11.29); ser casado ou celibatário (1Co 7.7); chamado pastoral (1Tm 4.14; 2Tm 1.6) e a diversidade de dons do Espírito Santo (1Co 12) que tem mais a ver com ações concretas e eventos reais do que habilidades que não estão servindo a alguém (CTRE, 2003, p.27,28).

A palavra *Doreá* (δωρεά) “denota um dom gratuito, enfatizando o caráter gratuito; é sempre usado no NT a respeito de um dom espiritual ou sobrenatural, João 4.10; Atos 8.20; 11.17; Romanos 5.15; 2Coríntios 9.15; Efésios 3.7; Hebreus 6.4” (VINE, 1946, p.486,487 – tradução nossa). Vale destacar o versículo de Efésios 2.8: “Pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês é dom de Deus”, e o de Romanos 5.15, em

que *Doreá* é ligado à graça: δωρεὰ ἐν χάριτι τῆ τοῦ ἐνὸς ἀνθρώπου Ἰησοῦ Χριστοῦ – Dom na graça de um só homem, Jesus Cristo. Em Atos 2.28, o Espírito Santo é o dom recebido pelo batismo (VINE, 1946, p.486,487; NAFZGER et al., 2022, p.616).

Assim, *Doreá* “descreve um dom que Deus dá aos cristãos somente por causa de sua graça” (NAFZGER et al., 2022, p.616).

A palavra *Pneumatikós* é utilizada em muitos casos como adjetivo qualificando algum substantivo, ou seja,

[...] modifica outra palavra, indicando que ela é, de alguma forma, ‘espiritual’. Em Rm 1.11, ele qualifica o próprio *charisma*. Mais adiante em Romanos, Paulo indica que a lei é espiritual, dada ou revelada pelo Espírito (7.14). Em 1Co 15.44-46, o apóstolo descreve o corpo ressurreto como sendo um corpo espiritual. Em Ef 1.3, Paulo se refere às bênçãos espirituais dadas pelo Espírito. Cl 1.9 realça o conhecimento espiritual, e Paulo fala de ‘Cânticos espirituais’ em Ef 5.19 e Cl 3.16. Como substantivo, *pneumatikos* pode se referir a uma pessoa espiritual ou a um povo espiritual. Este é um povo que parece estar possuído pelo Espírito ou que manifesta o Espírito (CTRE, 2003, p.28,29).

É interessante que em 1Coríntios 12, no importante capítulo sobre “dons espirituais”, há uma ambiguidade entre a forma masculina e a neutra dessa palavra, na qual a masculina se refere a pessoas espirituais, e a neutra, a coisas espirituais. Alguns até preferem a interpretação “pessoas espirituais” para *pneumatikon* (1Co 12.1⁵) na medida em que se refere à “real raiz do problema em Corinto, isto é, as assim chamadas ‘pessoas espirituais’” (CTRE, 2003, p.29; cf. NAFZGER et al., 2022, p.616).

Vale chamar a atenção ao fato de que quando falamos em algo “espiritual” no âmbito bíblico, certamente tem relação com o Espírito Santo:

A lei é espiritual [Rm 1.11], no sentido de que é derivada do Espírito (dada mediante a revelação e a inspiração) e tinha como alvo a efetivação de um encontro frutífero entre o Espírito divino e o espírito humano (Rm 7.14). [...] Conforme Ef 1.3, as bênçãos são espirituais, pois se derivam do Espírito e dEle tomam sua

5 A versão Nova Almeida Atualizada (NAA) traduziu por “dons espirituais”.

natureza. De modo semelhante, devemos interpretar os termos: ‘entendimento espiritual’ (Cl 1.9) e ‘cânticos espirituais’ (Ef 5.19; Cl 3.16), e, talvez, ‘pedras espirituais’ e ‘sacrifícios espirituais’ (1 Pe 2.5) (DUNN, 1982, p.148).

Fica evidente que não podemos seguir pela linha da distinção grega de matéria e espírito que ainda influencia nosso mundo contemporâneo, quando falamos de uma “coisa espiritual”, “significa algo que pertence ao Espírito, algo que exhibe sua natureza e caráter, ou algo transmitido por ele” (NAFZGER et al., 2022, p.616). Logo, quando falamos de uma “pessoa espiritual”, “refere-se a alguém que está cheio ou é governado pelo Espírito de Deus” (NAFZGER et al., 2022, p.616).

Olhando um pouco para o Antigo Testamento, mesmo que não haja “equivalente hebraico para *charisma*” (NAFZGER et al., 2022, p.616), o texto de Êxodo 31 traz alguns acréscimos relevantes ao tema. O povo de Deus após a libertação do Egito, da travessia do mar Vermelho, acampado ao redor do monte Sinai, recebe instruções de Deus. Nos versículos 1 a 11, é descrito que Deus “encheu homens do Espírito de Deus” para produzirem objetos e elementos adequados para o uso no templo:

O Senhor disse mais a Moisés:

²— Eis que chamei pelo nome Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, ³e o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento, em todo artifício, ⁴para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, prata e bronze, ⁵para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para todo tipo de trabalho artesanal. ⁶Escolhi Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, para trabalhar com ele. Também dei habilidade a todos os homens hábeis, para que me façam tudo o que tenho ordenado: ⁷a tenda do encontro, a arca do testemunho, o propiciatório que está por cima dela e todos os pertences da tenda; ⁸a mesa com os seus utensílios, o candelabro de ouro puro com todos os seus utensílios e o altar do incenso; ⁹o altar do holocausto com todos os seus utensílios e a bacia com o seu suporte; ¹⁰as vestes finamente tecidas, as vestes sagradas do sacerdote Arão e as vestes de seus filhos, para servirem como sacerdotes; ¹¹o óleo da unção e o incenso aromático para o santuário; eles farão tudo segundo tenho ordenado (Êxodo 31.1-11, NAA).

Exell e Spence (1950, p.316) são da opinião que Bezalel e Aoliabe começaram a aprender essas habilidades no Egito e concluem que “quando Deus tem qualquer trabalho importante a ser feito, seja na Igreja ou no Estado, ele não deixará de levantar e, no devido tempo, ‘chamar pelo nome’, os indivíduos necessários para realizá-lo” (EXELL; SPENCE, 1950, p.316 – tradução nossa).

O texto nos revela que mesmo que esses membros do povo de Deus já tivessem as habilidades descritas, Deus deu essas habilidades e as abençoou, mesmo que eles tenham dedicado tempo para as desenvolverem.⁶ Habilidades também são dons de Deus, e Deus usa esses dons para um propósito: “nos dias primitivos do Velho Testamento, toda forma de habilidade, força e excelência é creditada abertamente ao ‘Espírito de Deus’. Isso se deve ao fato de Deus ser corretamente considerado a fonte de toda a sabedoria” (COLE, 1981, p.203).

Por outro lado, não dá para descartar a influência sobrenatural do Espírito de Deus quanto àqueles dons, pois o texto afirma que os “encheu do Espírito de Deus” (v.3) com a finalidade de servi-lo na construção do tabernáculo: “Os dons naturais admitem expansão e alargamento indefinidos sob a influência do Espírito de Deus. Os obreiros do tabernáculo foram assistidos sobrenaturalmente em seu trabalho” (EXELL; SPENCE, 1950, p.316 – tradução nossa).

Sempre que a Escritura fala sobre dom ou dons na perspectiva de Deus para a humanidade, é algo gracioso. Não é algo que o ser humano mereceu ou conquistou, mas algo dado graciosamente por Deus. Afinal, por nossa natureza pecadora e nosso afastamento natural de Deus pós-queda,

⁶ No âmbito da Educação Musical, existem pesquisas que desconstruem a ideia popular de dom musical como algo “inato, fixo e [que] já vem ‘pronto’” (ILLARI, 2003, p.12). Illari apresenta a tese de Gardner sobre as múltiplas inteligências: “Quando publicou a primeira edição de sua teoria em 1983, Gardner propôs a existência de pelo menos oito inteligências. São elas: a inteligência linguística ou verbal, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a cinestésica corporal, a naturalista, a intrapessoal e a interpessoal. Cada uma dessas inteligências aparenta estar localizada em uma parte distinta do cérebro humano. Todo ser humano possui todas essas inteligências, embora cada indivíduo tenha algumas delas mais predominantes do que as outras. [...] A teoria de Gardner (1983) sugere que todos os seres normais (isto é, não portadores de doenças congênitas como autismo ou síndrome de Down) possuem todos os tipos de inteligência, todos abertos ao desenvolvimento. Ou seja, diferentemente do [conceito de] talento, a inteligência musical é um traço compartilhado e mutável, isto é, um traço que todos possuem em um certo grau e que é passível de ser modificado” (ILLARI, 2003, p.12). Deus, sendo criador, faz parte desse processo.

não merecemos nada bom de Deus. Ele, por outro lado, nos dá dons por sua boa vontade, por sua graça. Graça “é uma qualidade em Deus e não nos seres humanos, e denota a misericórdia e o favor imerecidos de Deus para com toda a humanidade, pelos quais ele perdoa gratuitamente seus pecados por causa dos méritos de Cristo” (NAFZGER et al., 2022, p.624). Deus nos dá dons graciosamente tanto no âmbito da criação, Primeiro Artigo do Credo, quanto redenção, Segundo Artigo do Credo, bem como santificação, Terceiro Artigo do Credo.

Na explicação do Credo feita por Martinho Lutero no Catecismo Menor, percebemos claramente como a ação de Deus por nós e em nós é sem merecimento nosso, totalmente por sua graça e bondade imerecida. Quanto ao Primeiro Artigo: “E tudo isso ele faz unicamente por sua paterna e divina bondade e misericórdia, sem nenhum mérito ou dignidade de minha parte” (LUTERO, 2021, p.389). Quanto ao Segundo Artigo: “**Ele** me remiu a mim, ser humano **perdido e condenado**. **Ele** me resgatou e salvou de todos os pecados” (LUTERO, 2021, p.390, grifo nosso). Quanto ao Terceiro Artigo: “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho...” (LUTERO, 2021, p.390).

Ao falar sobre o conceito de graça (*Charis*), NIELSEN (1981, p.9 – tradução nossa) afirma que

[...] *xáris* refere-se adequadamente à atitude de Deus, sua disposição graciosa para com o homem, seu favor, e é uma atitude que encontra sua mais alta expressão em Cristo. Desta graça que age, fluem as inúmeras bênçãos de Deus, das quais a maior é aquele dom inicial do Espírito. Comumente referido como o dom da graça, ou graça salvadora, refere-se àqueles que são trazidos à fé em Cristo pelo Espírito, o que resulta em sua salvação. Tal graça salvadora está disponível para todos os pecadores sem distinção ou preferência.

Pieper destaca que há diferença entre graça salvadora e a benevolência, bondade, graça e misericórdia de Deus para com todas as criaturas (Sl 136; 145.9; Jn 4.10-11), mas que a segunda é concomitante à primeira (PIEPER, 1951, p.7). Enquanto a graça salvadora se refere a vontade de Deus de salvar todas as pessoas através de Cristo, a benevolência é a bondade de Deus que se revela diariamente nas grandes e pequenas coisas

para justos e injustos: “porque ele faz o seu sol nascer sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5.45). Para Lutero, “graça, no sentido próprio do termo, denota o favor de Deus e boa vontade para conosco, o qual ele nutre em si mesmo” (LUTERO, *apud* PIEPER, 1951, p.7 – tradução nossa).

Desse modo, todos os dons são de Deus e são dados pela vontade bondosa e favorável de Deus, sua graça, sem qualquer tipo de ação humana para conquistar ou merecer tais dádivas. Por isso, todo e qualquer dom pode ser chamado de dom da graça:

Todos os dons são de Deus. Não simplesmente dons de intelecto, de oratória, de santidade, de entendimento espiritual, mas dons de todo tipo, do mais alto ao mais baixo. A graça, no caso de Bezalel, Aoliabe e seus companheiros artesãos, procedeu com base na dotação natural. Cf. ver. 6 – “Nos corações de todos os que são sábios de coração coloquei sabedoria”. A habilidade no artesanato é uma espécie de excelência mental e merece o nome de “sabedoria”, também é de Deus. Assim com todos os talentos naturais; como, por exemplo, o dom poético; dons de música, pintura, escultura, arquitetura; conhecimento de negócios; o dom da liderança; o poder de “pensar em invenções”; a habilidade do artífice (EXELL; SPENCE, 1950, p.316 – tradução nossa).

Podemos perceber, a partir das palavras utilizadas no Novo Testamento, que dom é algo dado por Deus e sem merecimento humano. Ele deu ou dá porque foi de sua boa vontade e com o objetivo de que as pessoas sirvam umas às outras e sirvam a Deus preservando a criação e, no mundo pós-queda, anunciando a salvação em Cristo a todas as pessoas. A Escritura não define exatamente o que é dom e o que não é, mas ensina e enfatiza que aquilo que recebemos de bom é dádiva, presente de Deus:

Paulo não parece distinguir nitidamente entre dons espetaculares e não-espetaculares, entre talentos naturais e dádivas especiais, entre habilidades e papéis, ofícios e pessoas. [...] Qualquer que seja a manifestação, qualquer que seja sua natureza, qualquer que seja sua definição, vem como um dom gracioso de Deus. O mesmo Deus realiza todas as coisas. Paulo parece lançar a rede tão amplamente quanto possível (CTRE, 2003, p.30).

Tudo de bom que somos e temos, tanto cristãos como não cristãos, tem relação com Deus: “De modo que só Deus [...] é aquele de quem se recebe todo o bem e por quem se é livrado de toda desgraça” (LUTERO, 2021, p.417).

Uma boa maneira de refletir e de se aprofundar no assunto é através dos artigos do Credo Apostólico, pois o Credo resume e ensina como Deus age no mundo, nas pessoas e pelas pessoas. Através do Credo, não colocamos juízo de valor entre o que se faz no âmbito do Primeiro Artigo e do Terceiro Artigo, algo como “obras do dia a dia” e “obras na igreja”:

A obra de Deus na criação deve ser distinguida de sua obra na redenção e santificação. Até certo ponto, podemos dizer que Deus atua de uma maneira entre todas as pessoas no mundo, e de outra entre seu próprio povo, a Igreja. Mas também há continuidade na sua obra. O que Deus criou, também redimiu e santificou. Ele redime, restaura e ressuscita nossos corpos; Ele não os aniquila. Assim como ele atuou através da criação para nos dar vida e sustentar nossas vidas, assim Deus nos redime e santifica através de elementos da criação, através da encarnação de Cristo, através da água, através do pão e do vinho. Assim, a criação serve à redenção e a redenção consoma a criação (CTRE, 2003, p.46).

Portanto, vamos refletir sobre o que são os dons divinos na perspectiva do Primeiro e Terceiro artigos do Credo.

DONS A PARTIR DO PRIMEIRO ARTIGO DO CREDO (CRIAÇÃO)

Quando olhamos para o Primeiro Artigo do Credo estamos compreendendo a ação de Deus no âmbito da criação. “Somente Deus é o criador, pois somente ele é a fonte e o doador de todas as bênçãos. De fato, o poder de Deus para criar se revela em sua doação de coisas boas” (NAFZGER et al., 2022, p.198). Deus criou o mundo e universo pela sua Palavra e os sustenta pela Palavra que continua agindo, e através dos seres humanos em suas vocações⁷ e ofícios. Quanto à Palavra criadora, Lutero afirma que

⁷ O termo vocação é aplicado a chamados que as pessoas têm em suas vidas; pode se referir a trabalhos e ofícios, mas principalmente a relacionamentos. Martinho Lutero fala de vocação em três

[...] as palavras ‘haja luz’ são palavras de Deus, não de Moisés; isto é, elas são realidade, pois Deus chama as coisas que não são para que sejam; ele não fala palavras gramaticais, mas [refere-se a] fatos que verdadeiramente existem, de modo que aquilo que, aos nossos ouvidos, soa como uma mera palavra, para Deus é uma realidade. [...] ou seja, quando Deus diz: ‘Sol, brilha!’, logo o sol está aí e brilha. Portanto, as palavras de Deus são reais e não meros vocábulos (LUTERO, 2014, p.69, 70).

O poder da palavra de Deus tem que ser destacado. “Quando Deus fala, as suas palavras transmitem o seu poder. Elas atuam. Elas causam mudança. Sua Palavra é ativa, criativa, ‘recriadora’. Ela é uma Palavra poderosa” (KOLB, 2009, p.52). Foi através dela que Deus criou o mundo e tudo o que existe e através dela ele continua conservando a criação. O mundo ainda existe, as plantas florescem, as estações do ano existem, o ser humano respira porque a palavra de Deus continua agindo:⁸

Deus criou todas as coisas pela Palavra: ‘Que o mar produza peixes; deixe a terra produzir a erva verde, os animais, etc.’ Agora, todas essas palavras de Deus permanecem até os dias atuais em sua plena força. Vemos que as criaturas se multiplicam sem cessar ou fim. Se o mundo durasse anos incontáveis, o poder e a eficácia desta Palavra não cessariam, mas ainda continuaria a haver um aumento perpétuo, em virtude do poder e eficácia desta Palavra, ou, se assim posso expressá-lo, da primeira criação (LUTERO *apud* PIEPER, 1950, p.483 – Tradução nossa).

Essa Palavra também se aplica aos seres humanos. Sempre que nasce uma criança, é a Palavra “sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na” (Gn 1.28) agindo: “Deus age através da terra para produzir

“ordens” ou “estados”: Família, Estado e Igreja (VEITH, 2015, p.77-79). Exemplos de vocações: pai, mãe, filho, patrão, empregado, aluno, amigo, irmão, cidadão, cristão.

⁸ C.S. Lewis compreendeu e expressou muito bem esse aspecto da palavra criadora de Deus em sua primeira história das *Crônicas de Nárnia*. Nessa história, com a criação de Nárnia, o poder da palavra continua criando poderosamente durante os primeiros dias e, um pedaço de metal que caiu no chão é transformado em um poste luminoso. Por causa disso, Digory, o menino, planta um “puxa-puxa” no chão, na esperança de nascer uma árvore, e isso acontece em uma noite. Por fim, ele conclui: “A fruta era uma delícia. Não tinha exatamente o gosto de puxa-puxa; era mais macia, com mais caldo, mas o sabor lembrava o de puxa-puxa” (LEWIS, 2010, p.83).

vegetação; através de nós, seres humanos, para criar sucessivas gerações” (RAYMANN, 2018, p.20).

Além disso, “o mundo não é caótico, arbitrário e sem propósito. O mundo está ordenado. [...] A Bíblia fala da ordem do mundo como uma obra da Palavra de Deus, pela qual Deus abençoa e apoia sua criação” (NAFZGER et al., 2022, p.200). Kolb afirma: “Deus criou o universo em um evento definitivo. Ele *continua* a atuar como Criador, ou melhor, como Sustentador, exercendo seu cuidado amoroso pelas suas criaturas a cada dia” (2009, p.25).

A providência divina é outro nome para a forma que Deus conserva a criação. Ela

[...] significa que Deus realmente preserva e governa o universo e todas as criaturas individuais por meio de sua onipresença e onipotência. A estreita relação entre a criação e a preservação do mundo é indicada em Cl 1.16-17. Depois de criar o mundo, Deus não se retirou dele, nem totalmente, nem pela metade, nem no menor grau, mas Ele permanece em contato com o mundo e sustenta tudo nele, o maior e o menor, por seu poder divino. O poder sustentador de Deus, e somente isso, assegura a continuidade da existência do mundo. Se Deus abandonasse este mundo, ele desapareceria imediatamente. Se Deus retirasse sua presença de qualquer parte do mundo, essa parte deixaria de existir. Isto é claramente declarado nas palavras: ‘Nele todas as coisas subsistem’ (PIEPER, 1950, p.483 – tradução nossa).

Martinho Lutero, nos seus catecismos Menor e Maior, explicou muito bem o que significa dizer “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra”.

Quero dizer e creio que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu e, sem cessar, conserva corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência e assim por diante; comida e bebida, vestes, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar etc. Além disso, põe todas as criaturas a serviço de nosso proveito e da manutenção de nossa vida: o sol, a lua e as estrelas do céu, o dia e a noite, o ar, o fogo, a água, a terra e tudo o que ela contém e pode produzir: aves, peixes, animais, cereais e todo tipo de plantas. Ele igualmente concede outros bens corporais e temporais: bom governo, paz, segurança (LUTERO, 2021, p.465,466).

Muitas vezes se pensa que dons são apenas habilidades ou talentos que as pessoas têm, mas fica evidente que não. A vida, o corpo, o ambiente, tudo o que é necessário para o ser humano existir é dom de Deus como Criador e mantenedor das coisas. Ao olhar para o ser humano, para a natureza, para o mundo e a vastidão do universo, temos que ver o Criador:

Eu mesmo, meu corpo e minha alma, juntamente com tudo o que faz parte de mim, sou uma criatura de Deus, uma obra de Deus. Ele desejou que eu fosse, que eu tivesse minha individualidade e singularidade particulares e irrepetíveis. Nós, modernos, tendemos a pensar em causas secundárias, como hereditariedade, genes e meio ambiente, como determinantes de nossa vida. Lutero está preocupado em rastrear minha existência, o que sou e a maneira como sou, até o próprio Deus. Mesmo com respeito a esses determinantes temporais de nossa vida, Deus é o Todo-Poderoso, o único que opera. Assim, o que o poder criativo e a bondade de Deus fazem se manifesta em mim mesmo, em minha vida terrena. Minha existência, minha própria vida, independentemente de qualquer coisa que eu faça, dá testemunho de Deus, do Criador (GIRGENSOHN, 1958, p.138 – tradução nossa).

Toda e cada pessoa é criação de Deus, e cada vida é um milagre divino: “Corpo e alma não são meu trabalho; eles são, em última análise, um milagre de Deus” (GIRGENSOHN, 1958, p.139 – tradução nossa). Seja a pessoa cristã ou não, é criatura de Deus e recebe suas dádivas. Ser criatura de Deus já indica o “valor” que cada vida tem, seja rica ou pobre, adulto, jovem, idoso, criança, feto... é uma vida planejada, criada e formada por Deus. A vida e o tempo⁹ são importantíssimos dons de Deus. Ao contemplarmos a complexidade e perfeição do corpo humano, temos que louvar a criatividade e a bondade divinas.¹⁰

9 Refiro-me a “tempo” como criação de Deus – Deus está além do tempo. Além disso, nossa existência é inerente ao tempo e somos condicionados a ele.

10 Robert Kolb faz um destaque significativo sobre ser criatura de Deus e reconhecer isso: “O relacionamento principal que determina a vida humana é o relacionamento com o Criador, o relacionamento vertical com ele que está acima de nós, pois ele é quem nos deu existência. Todos os outros relacionamentos humanos não funcionam bem se este relacionamento não está em boa ordem, isto é, se ele não está correto ou harmonioso” (KOLB, 2009, p.29).

A vida é dada e conservada por Deus. Gênesis 2.7 ensina que Deus soprou o “fôlego”, “hálito” da vida, sobre Adão, e o homem foi tornado “ser vivente” ou “alma viva”. *Nepesh*, palavra hebraica traduzida por “ser vivente” ou “alma viva”, não se refere apenas à alma, mas a toda a integridade da vida humana: “o termo é usado para descrever, ao mesmo tempo, a inter-relação concreta de corpo, alma e vida” (PETERS, 2011, p.91 – tradução nossa). “Na bíblia hebraica, *nepesh* e personalidade estão tão intimamente ligados que *nepesh* pode ser usado como um pronome pessoal. [...] O *nepesh* de cada pessoa faz dele ou dela uma pessoa totalmente única” (NAFZGER et al., 2022, p.259). Lutero (2014, p.120) vai destacar que esse ensinamento diferencia a criação humana da dos animais e relaciona esse texto com Isaías 64.8, que diz que Deus é o nosso oleiro e nós somos sua argila: “E isso não só diz respeito à nossa origem, mas permanecemos argila deste Oleiro durante toda a vida, até a morte e, ainda, na sepultura” (LUTERO, 2014, p.119). O próprio verbo utilizado para descrever a criação do homem fortalece essa relação: “o verbo hebraico que está por trás da tradução portuguesa ‘formou’ é usado para descrever a ação de um oleiro na confecção de seus produtos” (NAFZGER et al., 2022, p.254). No Catecismo Maior, tem-se a afirmação mais completa sobre como a vida e o tempo são dados por Deus a nós:

Sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu e, sem cessar, conserva corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência e assim por diante; comida e bebida, vestes, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar etc. Além disso, põe todas as criaturas a serviço de nosso proveito e da manutenção de nossa vida: o sol, a lua e as estrelas no céu, o dia e a noite, o ar, o fogo, a água, a terra e tudo o que ela contém e pode produzir: aves, peixes, animais, cereais e todo tipo de plantas. Ele igualmente concede outros bens corporais e temporais: bom governo, paz, segurança. Assim, por meio deste artigo se aprende que nenhum de nós tem de si mesmo a vida, nem coisa alguma daquilo que acabamos de enumerar e daquilo que pode ser enumerado e também que não está em nosso poder conservar qualquer coisa, por pequenas e insignificantes que sejam, pois tudo está compreendido na palavra ‘Criador’ (LUTERO, 2021, p.466).

É extremamente importante destacar que o dom da vida, da existência, de ter um corpo, um lugar para habitar, bem como o trabalho, foram criados por Deus antes da queda em pecado registrada em Gênesis 3. Em Gênesis está escrito: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2.15) e “Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom” (Gn 1.31). Ao comentar sobre “imagem de Deus” (Gn 1.26), Nafzger et al. afirmam que

[...] os seres humanos são colocados no meio da criação como representantes de Deus por meio de quem e por quem Deus exerce seu próprio domínio. Como imagem e semelhança de Deus, os seres humanos não são autônomos, mas são agentes responsáveis a Deus, porque exercem o domínio de Deus em nome dele.

[...]

Uma vez que somente os seres humanos recebem o fôlego de Deus, eles estão no mundo como representantes do Deus vivo, Deus o Criador (2022, p.165).

A imagem de Deus atribuída aos seres humanos tem relação com cuidar e preservar a criação, ou seja, “domínio”:¹¹ “A imagem de Deus não apenas diferencia os seres humanos do restante da criação. Ela os habilita a representar Deus na terra e gerenciar, como reis benevolentes, o estado terreno estabelecido pelo Criador” (CTRE, 2003, p.50). Assim, o trabalho, os ofícios, fazem parte da boa criação de Deus e são formas de Deus preservar o mundo e outras pessoas através dos seres humanos.

Com a queda, entretanto, perde-se muito dessa imagem e semelhança e aparece o pecado e suas consequências: “mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não deve comer; porque, no dia em que dela comer, você certamente morrerá” (Gn 2.17). A partir da ótica do mundo afetado pelo pecado vemos a intensidade da ação graciosa de Deus perante a criação. É justo Deus não conservar o mundo. É justo ele não dar vida, saúde, família, amigos, trabalho, habilidades, tempo... o que nós e o resto da criação merecemos é o castigo de Deus, contudo ele não castiga:

¹¹ “domínio não significa nem dominação, nem autonomia, mas responsabilidade pelo cuidado e cultivo da terra” (CTRE, 2003, p.50).

No contexto de uma vida destinada à morte, a afirmação de que Deus nos sustenta adquire um significado ainda mais profundo. Apesar da sentença de morte de Deus, vivemos em direção a um objetivo para o qual Deus nos conduz, homens caídos. Esse objetivo está em Jesus Cristo e em seu ato de redenção pelo qual o mundo caído é trazido de volta a Deus. Foi neste sentido que a igreja viu nas palavras de Deus ditas após a queda em Gênesis 3.15 o primeiro anúncio do evangelho (*protevangelium*): Jesus é a semente prometida da mulher que pisou a cabeça da serpente. Isso significa que desde o início a promessa de redenção pairou acima do mundo, razão pela qual foi preservada. A graça que sustenta e preserva o mundo não é outra senão a graça que redime o mundo. Portanto, o fato da preservação é um sinal, um indicador que aponta para a graça salvadora de Deus para com o mundo. No sentido literal, vivemos pela graça e bondade de Deus; nenhum homem por si mesmo tem o direito de viver diante de Deus. Cada novo dia que nos é permitido viver é um testemunho direto da bondade de Deus, em última análise, um dom e sinal de seu amor, visando nosso resgate. Mas é somente a fé que o vê (GIRGENSOHN, 1958, p.143, 144 – tradução nossa).

Para um não cristão, a existência do mundo pode ser algo natural, mas “para a fé, a preservação da vida terrena é um sinal do amor do Pai” (GIRGENSOHN, 1958, p.144 – tradução nossa). Até mesmo o descrente é criatura de Deus, recebe seus dons e é usado por Deus para preservar o mundo e para servir à ação divina na criação (embora ele não reconheça isso). Nesse sentido, os dons divinos da criação são inerentes a todas as pessoas, pois todas são criaturas desse Deus, e sem sua vontade criadora e sem sua providência não viveriam:

[...] os dons são os meios pelos quais Deus nos dá a possibilidade de viver; se ele os tirar de nós, pereceremos. Minha vida, por mais miserável e pobre que seja, dá testemunho da bondade do Deus Criador que deseja minha vida como sua. Ela dá testemunho da onipotência de Deus mesmo nos pontos que consideramos nossas realizações (GIRGENSOHN, 1958, p.142 – tradução nossa).

Talentos e habilidades se adequam como dons divinos do Primeiro Artigo. São dados por Deus a todos os seres humanos, não apenas aos cristãos. Eles são chamados em algumas bibliografias por “dons inatos”

ou “habilidades/talentos naturais”. Deus concede habilidades “através de nossos pais e daqueles que receberam responsabilidade sobre nós” (CTRE, 2003, p.50). Podemos até dizer que Deus nos concede muito mais pelos estímulos recebidos dos pais, de pessoas próximas e de informações que buscamos do que por genética.¹² Mas Deus, como criador e mantenedor, está no processo. É interessante que, na perspectiva teológica, talentos e habilidades existem mais para servir às pessoas do que para exaltar aquele que faz uso delas: “Os muitos e variados dons que Deus concede são para o bem-estar mútuo de toda a humanidade” (REIN, 2013, p.41). Conforme Kaiser (2001, p.21ss), o amor – *agápe* – citado por Paulo em 1Coríntios 13 é fundamento para os dons de 1Coríntios 12, e assim: “todos os dons são legitimados e sustentados pelo amor *ἀγάπη* que é amor de Deus. Dessa forma, todo o dom que em seu uso, em determinada circunstância, não promover o bem do próximo, não deve ser usado” (KAISER, 2001, p.22). E aí entendemos melhor porque Paulo afirma que tendo dons, mas não tendo amor, de nada vale (1Co 13).¹³

Esse aspecto das habilidades se referindo a serviço pode ser relacionado às vocações. Talentos e habilidades podem direcionar nossos ofícios ou serão usados em nossos chamados a servir às pessoas em nosso redor:

Deus está graciosamente em ação, cuidando da raça humana através do trabalho de outros seres humanos. [...] Isso envolve uma rede vasta e complexa de seres humanos com diferentes talentos e habilidades. Cada um serve ao outro. Cada um é servido pelo outro (VEITH, 2015, p.76).

Vale um breve comentário sobre a “Parábola dos talentos”, de Mateus 25.14-30, que é lembrada quando se fala do uso de talentos e habilidades e até é citada como referência ao falar do uso de talentos por Rein (2013, p.41). Embora a palavra “talentos”, nessa parábola, não signifique aptidão

12 Lembrando da ideia de “Inteligências múltiplas” proposta por Gardner: “As inteligências múltiplas são capacidades humanas diferenciadas, ou seja, cada indivíduo possui várias inteligências, sendo que a diferença de uma para a outra serão os estímulos que ele irá receber no decorrer de sua vida, resultando na potencialização de algumas inteligências e de outras nem tanto” (ALBINO; BARROS, 2021, p.154; cf. ILLARI, 2003, p.12).

13 O próprio texto de 1Coríntios 12.7 ensina que “a manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso”. É verdade que o contexto se refere a cristãos, mas esse aspecto do servir é aplicável também aos talentos naturais.

natural ou capacidade inata de pessoas, mas um tipo de medida financeira (TASKER, 1980, p.186), a parábola é aplicada à temática dos dons. Tasker conclui que ela realmente ensina que devemos usar os dons espirituais (e ele fala *apenas* de espirituais) da melhor maneira enquanto Jesus não volta (1980, p.187). Lenski destaca o aspecto da diversidade de dons dados pelo mesmo mestre na parábola – Jesus:

São nossas habilidades e dons, dos quais cada um de nós tem sua parcela pessoal e diferente. Podemos pensar nos dons espirituais, mas devemos incluir as faculdades naturais da mente e do corpo (santificadas como devem ser pela graça), posição, influência, dinheiro, educação e todas as vantagens e bênçãos terrenas. Eles vêm a nós do mesmo Senhor como um depósito sagrado a ser empregado em seu serviço (LENSKI, 1932, p.951 – tradução nossa).

Gibbs (2018, p.1335) destaca a sabedoria e a bondade do mestre ao dar de acordo com a capacidade de cada um (Mt 25.15). Para ele, a ênfase da parábola está em lembrarmos quem é o mestre e usar aquilo que nos deu a seu serviço: “Enquanto você espera pelo retorno dele, sirva-o. Ele confiou a você uma vida de relacionamentos, oportunidades e recursos. Use sua vida para ele e sua vontade” (GIBBS, 2018, p.1.337 – tradução nossa). Essa parábola se refere aos cristãos, pois só eles podem e querem servir ao Senhor Jesus.

Além de Deus prover diversidade e variedade nos demais aspectos da criação, ele também o fez no âmbito das habilidades e talentos naturais:

Dons inatos vêm em todo tipo, tamanho e espécie concebível. Deus concedeu a suas criaturas humanas em particular uma imensa variedade de habilidades intelectuais e talentos artísticos. A uns são dadas tremendas habilidades físicas; a outros, poderes de percepção únicos. Alguns são competentes no trabalho com as próprias mãos. Outros preferem trabalhar com suas mentes. A variedade e diversidade de todos estes dons inatos distinguem uma pessoa da outra e tornam cada pessoa alguém único. Não há duas pessoas que compartilhem as mesmas personalidades, interesses, capacidades ou habilidades. Até certo ponto, estas diferenças determinam nossa identidade, o que fazemos e onde vivemos nossa vida (CTRE, 2005, p.48).

Essa diversidade, além de dar um valor especial para cada pessoa, pois todos têm a sua identidade, mostra que o propósito de Deus na criação era que o ser humano servisse um ao outro:

homens e mulheres recebem um tempo e um lugar; eles estão situados no mundo e dentro de uma sociedade de pessoas humanas (Gn 2.18: ‘não é bom que o homem esteja só’). Nesse contexto, a humanidade é chamada a viver como a imagem de Deus. Como Deus é fiel como o bom criador, assim os seres humanos devem ser constantes no serviço do amor (NAFZGER et al., 2022, p.202).

Com a queda em pecado, essa imagem de Deus no homem é manchada e corrompida, e isso acarreta em mau uso da criação por parte dos seres humanos, especialmente visando o benefício próprio. Nesse sentido, os seres humanos buscam o seu próprio bem, e em vez de servir querem ser servidos (cf. NAFZGER et al., 2022, p.203). Percebe-se, nesse sentido, a constante degradação ambiental, a valorização do “eu” em detrimento do outro, a supervalorização do dinheiro, busca por poder, o descuido com o próximo, uso inadequado das vocações... Lutero escreveu:

É assim que procede o infeliz e pervertido mundo, que está afogado em sua cegueira e faz mau uso de todos os bens e dons de Deus unicamente para a sua soberba, avareza, prazer e diversão, sem atentar uma única vez sequer em Deus, para agradecer-lhe e reconhecê-lo como Senhor e Criador (LUTERO, 2021, p.466).

Fica o alerta para as pessoas sobre os perigos de usarem erradamente os dons dados por Deus:

O que é dito aqui se aplica não só a posses, mas também ao tempo, tarefas, talentos e habilidades. Quando estes são cobiçados e utilizados unicamente para o ganho ou satisfação pessoais, eles não podem beneficiar o próximo. Quando cometemos este pecado, promovemos nossos interesses às custas de nosso próximo. O uso egoísta de posses e talentos não consegue evitar que seja destrutivo tanto para a família como para a comunidade mais ampla. A cobiça e o mau uso dos talentos resultam em julgamento e no domínio da morte, isto é, a desordenação da criação e da atividade vivificadora de Deus na criação (CTRE, 2005, p.53).

Nesse mundo, nunca viveremos sem as consequências do pecado, mas a obra de Cristo (2º Artigo) causa diferença no uso dos dons da criação, como veremos a seguir. As pessoas alcançadas pelo Espírito Santo recebem a obra de Cristo e assim reconhecem o Criador e tem sua vida ressignificada em Cristo.

Outro importante dom da criação é a razão. Ela é dada por Deus “como um dom para a preservação da vida neste mundo perceptivo” (GIRGENSOHN, 1958, p.142 – tradução nossa). Ela nos diferencia dos animais e nos capacita para ter domínio sobre as criaturas não humanas e estabelecer a ordem a fim de trazer justiça e paz mesmo entre aqueles que são semelhantes (PETERS, 2011, p.92). Lutero destaca a importância da razão como criação de Deus (cf. LUTERO, 2014, p.88-89; BAYER, 2007, p.113,114) mas sem deixar de enfatizar que “a nossa mente deve ajustar-se à Palavra de Deus e à Sagrada Escritura” (LUTERO, 2014, p.89). Não há dúvida de que o dom da razão está

[...] entre os mais preciosos e úteis de todos os dons recebidos pela humanidade na criação, para auxiliar no desempenho da comissão recebida, do domínio. [...] Dentro dos parâmetros de nossas contingências como criaturas, podemos usar a razão de forma criativa para encontrar tantas maneiras diferentes de usar nossos talentos e tempo (CTRE, 2005, p.51,52).

Assim, os dons da criação encontram seu uso mais claro nas vocações. A vida, o tempo, a razão, as habilidades, casa, dinheiro... vão ser utilizados no servir ao próximo, seja em nossa família, trabalho, sociedade e igreja (no caso dos cristãos). Deus utiliza até não cristãos na preservação do mundo, bem como as diferentes vocações para servir às pessoas:

A soberania de Deus como criador é demonstrada pelo fato de que ele usa até seres humanos pecadores como seus instrumentos para beneficiar o mundo. Deus trabalha bem por meio de instrumentos humanos, mesmo que eles não tenham fé. Ele faz isso por meio do ‘primeiro uso’ ou ‘uso civil’ da lei. Deus obriga as pessoas a fazerem o bem, impondo-lhes certos padrões de conduta que produzem ações benéficas que, de outra forma, não teriam sido realizadas. Ao estabelecer várias instituições sociais, tais como poderes políticos (incluindo polícia, forças armadas, tribunais, agências governa-

mentais, etc.) e casamento, Deus dirige a atividade humana de tal maneira que, por um lado, as más ações são restringidas e punidas e, por outro lado, a vida do próximo (e da sociedade) é preservada e promovida (NAFZGER et al., 2022, p.209, 210).

Se atentarmos para a depravação humana inerente ao pecado e que afeta o nosso uso dos dons, vemos como a graça e misericórdia de Deus são manifestadas diariamente:

É um testemunho da bondade e atividade criadora de Deus que estas coisas continuem acontecendo apesar de toda tentativa pecaminosa da humanidade de destruir as estruturas da criação e a construção da comunidade humana. Deus atua através de médicos, para curar outros, mesmo quando aqueles procuram egoisticamente beneficiar-se. Ele continua a atuar através de fazendeiros e mercadores, que abastecem com alimento, mesmo quando os pensamentos destes estejam totalmente voltados para o acúmulo de fortuna (CTRE, 2005, p.54).¹⁴

Desse modo, dons da criação não são apenas habilidades e talentos, mas a vida, o alimento, o ar, toda a subsistência provida pelo planeta, a razão, as pessoas ao nosso redor, nossas vocações e nossos ofícios. Tudo o que recebemos de Deus como suas criaturas pode ser usado por ele para servir às pessoas e continuar cuidando da criação. Os descrentes vão agir desconsiderando a vontade e a existência de Deus, mas ainda assim, quando agem bem em suas vocações, estão sendo instrumentos de Deus. Os cristãos – aqueles que têm a obra de Cristo (2º Artigo) como sua – vão reconhecer que Deus é o Criador e que eles são suas criaturas e vão confiar, agradecer a Deus e querer servi-lo no dia a dia, no local, tempo, ofícios e pessoas que o Criador colocou ao seu redor.

No cristão, esta obra do Espírito o impelirá a agradecer a Deus pela terra e seus frutos, contemplar a beleza da flora e da fauna, lutar por sua proteção e uso responsável, valorizar e dar dignidade ao cam-

14 Porque não dizer que Deus pode usar também os músicos e outros artistas, na medida em que não ensinam contra a palavra de Deus, para servir às pessoas? Inúmeras vezes, a arte promove emoções e reflexões positivas nas pessoas e sociedade; também é Deus agindo sob suas máscaras nas vocações.

ponês por seu trabalho duro. É importante enfatizar que o Espírito de Deus consumará sua obra renovadora – em sua plenitude, isso ocorrerá em conjunto com a redenção final do corpo na ressurreição – mesmo à parte das pessoas que, por causa de seu pecado, ignoram ou abusam a sua criação e por omissão ou comissão a fazem sofrer (veja Rm 8.10-22) (SÁNCHEZ, 2005, p.89 – tradução nossa).

Vê-se então que existe relação entre o Primeiro, Segundo e Terceiro Artigos do Credo. Oberdeck (2020, p.114), em seu livro sobre trabalho com juventude, afirma que: “os dons do Terceiro Artigo usam os dons do Primeiro Artigo para o objetivo da fé do Segundo Artigo”. O Segundo Artigo ressignifica, redime e, de certa forma, restaura a criação afetada pelo pecado, e a obra do Espírito Santo em nós (Terceiro Artigo) influencia os dons do primeiro.

DONS A PARTIR DO TERCEIRO ARTIGO DO CREDO (SANTIFICAÇÃO)

Um bom ponto de partida para refletirmos sobre dons do Terceiro Artigo é olhar para as seguintes perguntas: “O que é geral e aplicável a todos, sejam cristãos ou não cristãos?” e “O que é distintivamente cristão sobre estes dons?” (CTRE, 2005, p.47). Se os dons da criação são inerentes a todos os seres humanos, os dons da santificação são inerentes apenas aos cristãos, pois apenas os cristãos têm o Espírito Santo. Santificação no Terceiro Artigo do Credo envolve toda ação do Espírito Santo, desde a nossa conversão até a ressurreição do corpo no último dia.

Às vezes se pensa que santificação é apenas “a transformação espiritual interior do crente que segue à justificação e está inseparavelmente ligada à mesma” (MUELLER, 2004, p.368), a qual, é chamada de “santificação em sentido restrito”. Mas santificação pode se referir a toda a ação do Espírito Santo de trazer ao ser humano pecador à fé em Cristo, concedendo-lhe assim a obra salvadora de Cristo, abençoando e guiando o crente durante a sua vida, dando-lhe a ressurreição gloriosa no último dia rumo à eternidade com Cristo. Essa é a “santificação em sentido lato”:

Nesse sentido, a santificação inclui toda a obra de Deus, pela qual ele separa o pecador do mundo perdido e condenado e o faz sua possessão. Essa obra divina abrange a concessão da fé, a justificação,

a santificação em seu sentido restrito ou a transformação interna no ser humano pela qual ele é feito santo, a sua manutenção na fé até o fim e sua glorificação final no dia do juízo (MUELLER, 2004, p.368).

O Terceiro Artigo do Credo se refere ao sentido “amplo” de santificação, por isso Martinho Lutero explica a ação do Espírito Santo a partir da conversão: “Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho, me iluminou com seus dons, me santificou e me conservou na fé verdadeira” (LUTERO, 2021, p.390). Para falar sobre santificação, Lutero fala do Santificador (SÁNCHEZ, 2013, p.45) e enfatiza que a santificação não provém de qualquer espírito – espírito humano, celeste, espírito mau –, mas, sim, do único que é chamado de Espírito Santo (LUTERO, 2021, p.469). Santificação, nesse artigo do Credo, “não é outra coisa que não seja conduzir ao Senhor Cristo, para que se receba este bem ao qual não poderíamos chegar por nós mesmos” (LUTERO, 2021, p.469), pois “a obra principal do Espírito é a de nos levar ao conhecimento de Cristo (SÁNCHEZ, 2013, p.45 – tradução nossa).

Desse modo, quando se fala em dom espiritual, ou seja, ligado ao Espírito Santo, em primeiro lugar temos que pensar na fé salvadora e na habitação do Espírito Santo no crente. Em Atos 2.38, Pedro afirma que seus ouvintes deveriam se arrepender, serem batizados e receberiam além do perdão dos pecados, o *dom do Espírito Santo*, o qual pode ser a fé, bem como o próprio Espírito Santo. O Espírito Santo e a fé estão relacionados:

Por meio da fé o crente recebe o dom do Espírito Santo (At 2.38; 10.44-45; Rm 8.9; Tt 3.5-6). [...] Fé é um instrumento dinâmico por meio do qual se recebe o Espírito Santo, que habita no crente como o doador de toda dádiva boa e perfeita (NAFZGER et al., 2021, p.604).

E por que esse é o dom espiritual mais importante? Porque a fé em Cristo é o único meio “pelo qual o crente apreende a graça de Deus e os méritos de Cristo que lhe são oferecidos no Evangelho” (MUELLER, 2004, p.317). A Fórmula de Concórdia não deixa dúvidas:

O Espírito Santo nos oferece esses tesouros na promessa do santo evangelho, e a fé é o único meio pelo qual apreendemos, aceitamos e aplicamos a nós, e os tornamos nossos. Essa fé é dom de Deus por

meio do qual corretamente conhecemos Cristo, nosso Salvador, na palavra e no evangelho, e nele confiamos que somente por causa da sua obediência, por graça, temos perdão dos pecados, somos considerados piedosos e justos por Deus Pai e nos salvamos eternamente (FÓRMULA DE CONCÓRDIA, 2021, p.606 [10]).

Assim, a fé, que é dom de Deus, é “o meio e o instrumento com o qual e pelo qual a graça de Deus e o mérito de Cristo na promessa do evangelho são **recebidos, apreendidos, aceitos, aplicados a nós e tornados nossos**” (FÓRMULA DE CONCÓRDIA, 2021, p.611, [38] grifo nosso). Esse dom nos faz pertencer à igreja – o Corpo de Cristo –, nos torna cristãos, nos permite receber a obra de Cristo e é acompanhada pelo Espírito Santo e seu agir no crente.¹⁵

Segundo Nafzger (2021, p.604, 605) existem quatro importantes bênçãos ou benefícios que os crentes têm devido à fé salvadora: ser justificado perante Deus através da fé – que compartilha a obra de Cristo com o crente, envolve o perdão dos pecados; o Espírito Santo habita no crente “como doador de toda dádiva boa e perfeita”; ser guardados na fé pelo Espírito Santo através da Palavra e sacramentos presentes na igreja e o desejo de cumprir a lei de Deus e de viver suas vidas para a glória de Deus.

Assim, podemos dizer que o principal aspecto dos dons do Espírito Santo está relacionado com a salvação pessoal em Cristo: “O Espírito Santo derrama sobre nós o perdão dos pecados, vida e salvação obtidos por Cristo. Este é o dom próprio e, de fato, único, do Terceiro Artigo” (CTRE, 2003, p.55).

Porém, o Espírito Santo também dá dons e direciona dons da criação para o serviço no Reino de Deus. Os dons da criação – vida, tempo, razão, talentos, vocações... – podem e serão usados pelo Espírito Santo nos cristãos para a proclamação do evangelho de Jesus Cristo:

O Espírito restaura e purifica o que é criado, mas não o substitui.
Deus opera através da criação para dar, sustentar e proteger a vida.
Ele entrou para a nossa história, para nos resgatar por meio da

15 A relevância do batismo como ação divina graciosa também se aplica aos dons do Espírito Santo: “O batismo dá a cada crente o privilégio de ser chamado filho ou filha de Deus, independentemente de sua origem cultural, status social ou dons particulares. Em sentido amplo, não apenas um grupo privilegiado, mas todos os membros do corpo são 'carismáticos', pois beberam do mesmo Espírito no batismo e dele receberam seus dons” (SANCHEZ, 2005, p.144 – tradução nossa).

encarnação, morte e ressurreição de Cristo. Ele também nos santifica através de meios da criação – água, palavras, pão e vinho. Da mesma forma, Deus continua a fazer uso da sua criação (incluindo nossos dons e atividades inatos) como os meios pelos quais quer agir – não apenas no Primeiro Artigo, mas também no Terceiro Artigo. Deus não apenas usa dons inatos para a extensão da vida no mundo, mas também os traz ao serviço do Evangelho (CTRE, 2003, p.56).

É natural acontecer de alguém que é convertido utilizar suas habilidades e conhecimentos que adquiriu ao longo da vida, e talvez até os utilize nas suas vocações, para servir na congregação. Podemos dizer, com certeza, que o Espírito Santo está santificando aqueles dons da criação:

Visto que a obra do Espírito é santificar, parece razoável sugerir que ‘dons espirituais’ são aqueles dons que foram ‘santificados’ pelo Espírito Santo. Em outras palavras, esses são os dons que foram purificados pelo Espírito, despidos do embaraço do pecado, e agora restaurados para seu uso próprio. O Espírito purifica e santifica não apenas nossas pessoas, mas também nossas obras (assim que toda obra no Espírito é uma obra espiritual) e nossas tarefas (assim que nossos dons da criação se tornam dons do Espírito) (CTRE, 2003, p.56).

Não precisamos nem devemos pensar apenas em atividades grandiosas; a figura da igreja como um corpo – Corpo de Cristo (1Co 12.12-31; Ef 4.4-16; Rm 12.3-8; Cl 3.15) – não deixa dúvidas sobre a enorme importância de cada membro e cada atividade, sem hierarquia:

Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, constituem um só corpo, assim também é com respeito a Cristo. [...] Os olhos não podem dizer à mão: ‘Não precisamos de você.’ E a cabeça não pode dizer aos pés: ‘Não preciso de vocês.’ [...] Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo, mas para que os membros cooperem, com igual cuidado, em favor uns dos outros (1Co 12.12, 21, 24, 25; NAA).

No Catecismo Maior, Lutero define a comunhão dos santos como a igreja, o corpo de Cristo com diversos dons, mas sob o mesmo Senhor,

com o mesmo Espírito, com a orientação, condução, santificação e ensino do Espírito Santo:

Creio que existe na terra um santo grupinho e comunidade composto apenas de santos, sob uma só cabeça, Cristo, grupo congregado pelo Espírito Santo, em uma só fé, mente e entendimento, com diversidade de dons, mas todos unânimes no amor, sem seitas e sem cismas. Eu também sou parte e membro dessa comunidade, compartilhante e coparticipante de todos os bens que ela possui (LUTERO, 2021, p.471).

Comentando sobre o texto de 1Coríntios 12, Leopoldo Sánchez relaciona muito bem os dons do Espírito com o corpo de Cristo:

A fonte pessoal de todas as boas dádivas é o Pai que está nos céus (Tg 1.17). Isso vale igualmente para as ‘funções’ que nascem dos distintos dons espirituais, pois ‘é o mesmo Deus que faz todas as coisas em todos’ (1Co 12.6). Se enfatizarmos o serviço ao próximo que deve caracterizar todo dom espiritual, podemos afirmar que ‘há várias maneiras de servir, mas o mesmo Senhor’ (12.5). Mas o agente que mais imediatamente irriga a igreja com esses dons é o dedo de Deus ou ‘o único Espírito Santo, que distribui a cada um como ele determina’ (12.11). Do ponto de vista trinitário, a diversidade dos dons da igreja tem seu fundamento na diversidade do ser de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, mas essa realidade, ao mesmo tempo, encontra sua base na unidade do ser de Deus. Assim, o propósito das várias manifestações do Espírito de Deus em cada membro do corpo de Cristo é sempre um, a saber, ‘o bem dos outros’ (12.7) (SÁNCHEZ, 2005, p.143 – tradução nossa).

Pode acontecer ainda que habilidades naturais que as pessoas tenham se tornem úteis ou sejam retomadas após o Espírito Santo agir em seus corações e lhes dar novo propósito para servir e viver (Cf. CTRE, 2003, p.57). Também é possível que o cristão desenvolva habilidades e talentos a partir de necessidades da congregação, ou de sua vida de testemunho cristão ou mesmo de servir a Deus no dia a dia. Tudo isso são maneiras de Deus ressignificar ou reutilizar os dons da criação. Essas habilidades podem ser consideradas dons espirituais, na medida em que são santificadas pelo Espírito Santo. “Deus restaura, reivindica e recria aquilo que ele já deu” (CTRE, 2003, p.58).

Por outro lado, é verdade que também existem dons “extraordinários” dados pelo Espírito Santo. “O Novo Testamento menciona explicitamente poderes, dons de curas e línguas. Parece claro, no entanto, que estes são dons extraordinários, talvez dados para circunstâncias extraordinárias” (CTRE, 2003, p.58).¹⁶ Esses dons são dados em situações e contextos específicos e deve se ter o cuidado de não tornar as chamadas “listas de dons do Novo Testamento” em prescrições:

Muita energia foi gasta no estudo das listas de dons que aparecem em 1Co 12; Rm 12; Ef 4 e 1 Pe 4. Ao compará-los, percebe-se que não pretendem ser normativos, mas sim representativos das congregações para as quais Paulo e Pedro escrevem especificamente. O mesmo pode ser dito de qualquer dom listado nas Sagradas Escrituras (veja, por exemplo, Êx 31.1-11). Não há nada nestas listas que nos leve à conclusão de que todas as congregações de todos os tempos devem necessariamente ter membros com esses dons específicos (SÁNCHEZ, 2005, p.145 – tradução nossa).¹⁷

É muito bom saber que o Espírito Santo é quem dá os dons conforme ele quer e para o bem do corpo de Cristo e do serviço do evangelho. Assim podemos dar valor a todos os ofícios e talentos que os cristãos têm e usam no reino de Deus, pois é o Espírito quem define e dá esses dons, não o ser humano:

Primeiro, é realmente reconfortante que o Espírito supervisione a administração dos dons. É a sua sabedoria que dá os dons, não algum conselho religioso ou individual. Isso evita a tentação de fazer símbolos de status [posição social] de certos dons ou estabelecer tal controle sobre os dons que apenas aqueles que são desejados são vistos. O Espírito dá como quer, não como o homem determina. Em segundo lugar, são dados apenas os dons que são necessários para um determinado tempo e lugar. Um indivíduo tem dons que se encaixam perfeitamente nos planos e propósitos de Deus. Às vezes, a distribuição está de acordo com os desejos

16 A CTRE (2003, p.58) cita alguns dons extraordinários que podemos ver hoje ainda: “Fé corajosa, martírio, esperança sem oscilações em um tempo de teste severo”.

17 Para ver mais sobre a “lista de dons espirituais”, como foram abordados por diversos autores e mais sobre a visão apresentada nesse trabalho, confira: CTRE, 2003, p.15-25; 61-64.

de uma pessoa; às vezes não. Mas em todos os momentos os dons têm um lugar específico no ministério de um indivíduo enquanto ele vive sua vida cristã (NIELSEN, 1981, p.25 – tradução nossa, chave nossa).

Importante destacar ainda o amor cristão (1Co 13) como princípio quando se trata do uso dos dons. Autores até relacionam esse amor de 1Coríntios 13, que direciona o uso dos dons no corpo de Cristo, com o fruto do Espírito de Gálatas 5.22 (cf. NAFZGER et al., 2021, p.619; SÁNCHEZ, 2005, p.146). Com o amor de Cristo que alcançou cada cristão, este pode e deve olhar para o outro membro do corpo de Cristo como alguém igualmente importante, igualmente amado por Deus, igualmente útil no reino de Deus e dotado do Espírito Santo e pelo Espírito Santo:

Se em um termo pudesse resumir o que foi dito até agora, seria amor. O amor mantém a diversidade dos dons e a unidade de seu propósito em harmonia no corpo de Cristo, sem cair na diversidade sem unidade que termina em triste divisão ou na unidade sem diversidade que leva à uniformidade opressiva ou hegemonia. O amor é o impulso por trás de todo dom cuja manifestação leva a uma igreja mais unida no serviço aos outros, mas ao mesmo tempo mais aberta às contribuições de todos os membros do corpo (especialmente os mais fracos) (SÁNCHEZ, 2005, p.145 – tradução nossa).

Assim, os dons do Terceiro Artigo são relacionados com o Espírito Santo, o Santificador, e em primeiro lugar são relacionados à salvação pessoal. O Espírito Santo e a fé são dados ao cristão no momento da conversão e concedem os benefícios da obra de Cristo (Segundo Artigo) – perdão dos pecados, salvação e vida eterna. Além disso, o Espírito dá novo significado aos dons da criação nos cristãos a fim de servirem no reino de Deus e ao anúncio do evangelho. Bem como dá, quando quer, dons chamados “extraordinários” para o bem da igreja de Cristo. Todavia, todos os dons espirituais são igualmente importantes, seguindo a metáfora do corpo de Cristo. Vale lembrar o que Lutero afirmou sobre o Terceiro Artigo do Credo:

Este é, portanto, o artigo que sempre deve estar e permanecer em vigor. Porque a criação é coisa feita. Também a redenção já está realizada. Mas o Espírito Santo leva avante sua obra sem cessar, até o último dia. Para tanto, instituiu na terra uma comunidade, pela qual fala e faz tudo. Pois ainda não congregou toda a sua cristandade, nem distribuiu totalmente o perdão. Por isso cremos naquele que diariamente nos busca pela palavra e que, pela mesma palavra, bem como pela remissão dos pecados, concede, multiplica e fortalece a fé, para, finalmente, quando tudo isso estiver completado, e nós permanecermos nisso, morrendo para o mundo e toda desgraça, tornar-nos perfeita e eternamente santos, o que agora esperamos na fé, mediante a palavra (LUTERO, 2021, p.472).

Quanto aos cristãos, é válida a conclusão de Sánchez (2005, p.148): “Em suma, todo dom de Deus é ‘espiritual’ (isto é, do Espírito) se for usado impulsionado pela fé em Cristo e pelo amor de Cristo”.

CONSIDERAÇÕES

A Escritura Sagrada, no Novo Testamento, utiliza três palavras gregas para se referir a dons: *chárisma* (χάρισμα); *Doreá* (δωρεά) e *Pneumatikós* (πνευματικός). As três são utilizadas em diferentes contextos e atribuições, mas se pode perceber, a partir da análise delas, que não delimitam rigorosamente o conceito de dons. Por exemplo: a salvação é chamada de “dom gratuito” (Rm 5.15; Ef 2.8); o casamento e o celibato são chamados de dons (1Co 7.7); também o ser pastor (1Tm 4.14; 2Tm 1.6); o Espírito Santo ou a fé (At 2.28), os dons espirituais (1Co 12).

Percebe-se assim que até funções, ações, vocações, ofícios podem ser considerados dons. A abrangência da definição de dons no Novo Testamento é importante. Ela destaca a bondade e vontade graciosa do Doador – tudo que ele dá, dá por graça (*Cháris*), não por merecermos. Bem como enfatiza a diversidade de dons que Deus dá e o seu uso em servir, não em ser elogiado, valorizado, individualizado.

Algo ser dom de Deus não significa necessariamente ser “extraordinário”, Deus pode e usa escolas, pais, necessidades para que as pessoas desenvolvam certos talentos e habilidades ou tenham certas vocações,

responsabilidades, funções que continuam sendo dom de Deus como no relato de Bezalel e Aoliabe (Êx 31.1-11).¹⁸

Refletir sobre dons é, em primeiro lugar, identificar o doador dos dons. Os Credos cumprem muito bem essa função de ensinar quem é e o que faz o Deus Pai, Filho e Espírito Santo. No âmbito da criação (Primeiro Artigo), Deus cria e preserva o mundo. A vida, a subsistência, o tempo, o trabalho, as habilidades, razão... são dons de Deus nesse aspecto. São inerentes a todas as pessoas – cristãos e não cristãos. Toda pessoa tem sua individualidade criada por Deus, seus espaços para servir (vocações) e, mesmo que não reconheça, é usada por Deus para preservar a criação.

Na perspectiva da santificação (Terceiro Artigo), o Espírito Santo alcança o ser humano caído em pecado e faz nele a conversão, na qual ele recebe o dom da fé e do Espírito Santo, pois o próprio Espírito passa a habitar no crente. O Espírito Santo liga a Cristo e sua obra todo ser humano convertido. Assim, o Segundo Artigo é alcançado à criatura e ela passa a ser filha de Deus, membro do corpo de Cristo, vem pertencer à sua igreja, e começa a receber os outros dons do Espírito Santo.

O perdão dos pecados, a fé, a vida eterna, a ressurreição com um corpo glorificado, são dons que o Espírito Santo concede àqueles que foram ligados a Cristo. Jesus Cristo, com sua obra, conquistou essas bênçãos, e o Espírito Santo é o único que pode transmiti-las às criaturas humanas, e ele o faz. Ele também ressignifica os dons da criação. Quando alguém utiliza seu tempo, habilidades, posses para o bem do evangelho e do reino de Deus, é um dom espiritual, pois o Espírito santificou aquele dom.

Não há dúvidas de que existem outros aspectos não abordados nesta reflexão, e, como estamos estudando a Bíblia e a ação de Deus, sempre aprendemos algo novo. Buscou-se analisar alguns parâmetros sobre dons na perspectiva bíblica e considerar sua aplicação a partir dos artigos do Credo Apostólico, especialmente o Primeiro e Terceiro Artigos.

18 Agora, após ler o artigo, vale refletir sobre uma frase comum: “Eu não tenho o dom da música”. Será que é algo que a pessoa não tem porque não pode ter, ou por que não desenvolveu e não está usando para servir? Ou talvez ela consiga cantar alguma música para os filhos, ou tocar algum instrumento em pequenos grupos, e acha que isso não é ter o dom? A partir do que foi visto aqui, é possível que na medida em que serve alguém com a música, ela tem o dom, pois dom não é apenas algo que alguém tem – como a fé – mas também ações que servem outras pessoas (relação com vocação). Essa reflexão vale para outros assuntos e âmbitos.

Certamente, deve se dizer que Deus é o doador de tudo de bom que recebemos, não por merecimento, mas por sua graça, e devemos ser gratos por esses dons, pela diversidade que Deus criou e dá, e valorizar as oportunidades de servir que ele concede tanto no mundo como na sua igreja. Devemos também refletir em como utilizar corretamente os dons para servir aos outros e como valorizar igualmente os diversos dons dados por Deus. Podemos até destacar para as pessoas como aquilo que elas fazem de bom no âmbito das vocações ou no corpo de Cristo é importante para Deus e está sendo usado por ele. No âmbito do Terceiro Artigo, por mais que na perspectiva humana aquilo que alguém faz pareça “grandioso” ou “pequeno”, na perspectiva divina é igualmente importante, pois faz parte do corpo de Cristo e sua diversidade planejada pelo Espírito Santo.

Existem dons que ainda aguardamos serem completados: um dia contemplaremos a ressurreição dos mortos, a vida eterna e o novo céu e a nova terra. Dons que já pertencem aos que creem em Cristo. Ele os conquistou com sua obra, ao ser enviado pelo Pai, e são dados a nós pela ação do Espírito Santo na santificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBINO, Letícia Moreira de Souza; BARROS, Sarah Gonçalves. A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner e sua contribuição para a Educação. *Educação e Cultura em Debate*, Goiânia, v.7, n.1, p.148-168, dez.2021. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/683>>. Acesso em: 26 out.2022.
- BAYER, Oswald. *A Teologia de Martim Lutero: Uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: antigo e novo testamentos*. Nova Almeida Atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- COLE, Alan R. *Êxodo: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- COMISSÃO DE TEOLOGIA E RELAÇÕES ECLESIAIS (CTRE) DA IGREJA LUTERANA – SÍNODO DE MISSOURI. *Dons Espirituais:*

- um estudo sobre dons espirituais e inventários de dons espirituais. Trad. Gerson Luís Linden. (Teologia para Hoje.) Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- DUNN, James D. G. “Espírito”. In.: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. V.2. São Paulo: Vida Nova. 1982.
- EXELL, Joseph S.; SPENCE, Henry. D. M. (Eds.). *The Pulpit Commentary: exodus*. V.II. Chicago: Wilcox & Follett Co., 1950.
- FÓRMULA DE CONCÓRDIA. In.: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. BRANDENBURG, Yedo (Ed.). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.
- GIBBS, Jeffrey A. *Matthew 21:1-28:20*: Concordia Commentary. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2018.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GIRGENSOHN, Herbert. *Teaching Luther’s Catechism*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1959.
- ILLARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v.9, p.7-16, set.2003. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/395>>. Acesso em: 14 set.2022.
- KAISER, Cézar Claudenir. *Os Dons Carismáticos conforme 1Co 12 e sua aplicação na Igreja*. 2001. 68 f. Monografia (Graduação em Teologia) Faculdade de Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo, 2001.
- KOLB, Robert. *Comunicando o Evangelho Hoje*. Porto Alegre: Concórdia, 2009.
- LENSKI, Richard C. H. *Interpretation of St. Matthew’s Gospel*. Columbus: Lutheran Book Concern, 1932.
- LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LUTERO, Martinho. Catecismo Menor e Maior. In.: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*; BRANDENBURG, Yedo (Ed.). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.
- LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In.: *Obras Seleccionadas*, v.12. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2014.

- MUELLER, John T. *Dogmática Cristã*. Porto Alegre: Concórdia, 2004.
- NAFZGER, Samuel H. *et al.* (Eds.). *Confessando o Evangelho: Uma abordagem Luterana da Teologia Sistemática*. V.1. Trad. Rudi Zimmer. Porto Alegre: Concórdia, 2022.
- NIELSEN, Glenn. *Gifts of the Spirit*. 1981. 97 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Master of Divinity, Practical Theology, Concordia Seminary, Saint Louis, 1981. Disponível em: <<https://scholar.csl.edu/mdiv/19>>. Acesso em: 23 set.2022.
- OBERDECK, John. *#Jovem na Igreja: conectando a história do jovem êutico ao trabalho com jovens*. Porto Alegre: Concórdia, 2020.
- PETERS, Albrecht. *Commentary on Luther's Catechism: creed*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.
- PIEPER, Francis. *Christian Dogmatics*. V.1. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1950.
- _____. *Christian Dogmatics*. V.2. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1951.
- PRUNZEL, Clóvis Jair. *Os Catecismos de Lutero para o Povo de Deus*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.
- RAYMANN, Acir. Igreja e “Pós-Modernidade”: na criação e preservação do mundo. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.78, n.2, p.7-34, dez.2018. Semestral. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/15418wpJ-n2I8OB7h6CYyWKAWJ87wug80M/view?usp=sharing>>. Acesso em: 26 out.2022.
- REIN, R. C. *Proezas na mordomia Cristã*. 4.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013.
- SÁNCHEZ, Leopoldo A. *Pneumatología: el Espíritu Santo y la espiritualidad de la Iglesia*. Saint Louis: Concordia, 2005.
- _____. *Teología de la Santificación: la espiritualidad del cristiano*. Saint Louis: Concordia, 2013.
- TASKER, Randolph V. G. *Mateus: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980.
- VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Espiritualidade da Cruz: A vida cristã sob a cruz de Cristo*. 2.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2015.
- VINE, W. E. *A Comprehensive Dictionary of the Original Greek Words with Their Precise Meaning for English Readers*. McLean: Mac Donald Publishing Company, 1946.